

A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR: A VISÃO DOS PROFESSORES

Jussikeilly de Farias Vilanova¹
Givanildo da Silva²

Resumo: O objetivo da pesquisa foi compreender a visão dos professores sobre a avaliação da aprendizagem e como esses desenvolvem esse mecanismo em sua prática pedagógica no cotidiano escolar. A metodologia do trabalho configurou-se como uma abordagem qualitativa, tendo como método de pesquisa o estudo de caso. A coleta de dados foi realizada com entrevista com quatro professores. No cenário da escola investigada, por meio da voz dos quatro professores que participaram da pesquisa, foi possível perceber que esses profissionais ainda têm a concepção de avaliação como uma questão pontual, classificatória e o produto final de um processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem. Professores. Escola Pública.

Introdução

A avaliação da aprendizagem é uma dimensão complexa do processo de ensino e requer conhecimentos específicos para a sua vivência no cenário escolar. Desse modo, a discussão sobre essa temática é importante, pois se configura como um aspecto cotidiano da experiência dos profissionais da educação, mais precisamente dos professores que lidam diretamente com o ensino e a aprendizagem dos estudantes.

A avaliação da aprendizagem é um tema recorrente no cotidiano escolar e, muitas vezes, é tida apenas como uma forma de medir e testar a aprendizagem dos estudantes a partir de um exame classificatório e de testes padronizados. Em se tratando de avaliar o processo de ensino e de aprendizagem, o seu significado tem sido pautado pela lógica da mensuração, isto é, associa-se o significado de avaliar ao de medir os conhecimentos adquiridos pelos estudantes durante um determinado período de tempo.

Os estudos de Luckesi (2018) apontam que a avaliação da aprendizagem tem sido um campo eminentemente de classificação, de competição e de “medidas” da aprendizagem, como se o processo avaliativo fosse uma dimensão simples, no qual uma prova ou um teste revelasse a complexidade do ato de avaliar. Nesse cenário, o ponto de partida para os apontamentos e as reflexões postas no presente trabalho dialoga com a concepção de que a avaliação da aprendizagem se configura como um campo político, complexo e intencional.

¹ Professora da rede estadual do Piauí. Possui graduação em Biologia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). É licencianda de Química pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). jussikeillyvilanova@gmail.com

² Doutor em Educação. Professor do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas. givanildopedufal@gmail.com

Na visão de Luckesi (2018, p. 52), “o ato de avaliar, como qualquer outra prática investigativa, tem por objetivo exclusivamente revelar algo a respeito da realidade”. Nesse sentido, a avaliação é tida como um modo diferenciado do professor enxergar o estudante, investigando e refletindo sobre a sua forma de aprender, por meio de diálogos, convivência e interação, buscando sempre alternativas que busquem a mediação do processo para a construção da reflexão e das possibilidades de aprendizagem (GONÇALVES; LARCHERT, 2012).

Como já sinalizado, a avaliação é um conceito complexo, intencional e político. Sua vivência no espaço escolar se configura, na perspectiva de Luckesi (2018, p. 62), como seletiva, confirmando a exclusão dos que não se adaptam aos processos pautados nos testes:

O uso seletivo se faz presente em situações que implicam concursos, praticados em diversas e variadas áreas da vida humana. Nesse contexto, alguns objetos de investigação avaliativa, serão selecionados positivamente a partir da qualidade probatória que manifestam, outros serão excluídos. A prática de avaliação de forma seletiva, apresenta-se muitas vezes, como um ato ameaçador, confirmando um processo de exclusão.

Para Luckesi (2005), a avaliação da aprendizagem é uma prática de investigação do professor, cujo sentido é intervir na busca dos melhores resultados do processo de aprendizagem dos estudantes, em sala de aula ou até mesmo nas contribuições não formais de aprendizagem. Para o autor, em suas pesquisas, a avaliação é um juízo de qualidade sobre dados relevantes para uma tomada de decisão.

Desse modo, compreende-se a avaliação como recurso pedagógico a ser desenvolvido com possibilidades de diagnosticar as carências, os acertos e os erros de cada estudante, a fim de tomar decisões de como prosseguir na realização das propostas educacionais, de modo individual e coletivo, propondo estratégias que possibilitem avanços e não utilizar apenas como meio para classificar ou excluir.

De acordo com Luckesi (2018, p. 60-62):

A avaliação da aprendizagem de forma diagnóstica se dá no contexto de uma ação em processo, subsidiando decisões, tendo em vista a busca dos resultados qualitativamente desejados. O uso diagnóstico dos resultados do ato de avaliar só pode ocorrer quando a ação se encontra em andamento, desde que seus resultados ainda podem ser modificados. Em síntese, o uso diagnóstico dos resultados da avaliação subsidia o gestor de um projeto, ou de uma ação, nas decisões sucessivas para obtenção de qualidade assumida como necessária. No uso diagnóstico, o gestor assume a qualidade da realidade, revelada pela avaliação, como não satisfatória, e, pois, intermediária, o que implica na tomada de novas decisões, a fim de que os resultados da ação atinjam a qualidade desejada.

Os profissionais da educação têm o desafio de diagnosticar as dificuldades enfrentadas por cada estudante, a fim de propor decisões que contribuam para com um resultado satisfatório, sanando as dificuldades e servindo também como diagnóstico ou sugestão para a

melhoria do próprio professor. Dessa forma, a pesquisa tem como objetivo compreender a visão dos professores sobre a avaliação da aprendizagem e como esses desenvolvem esse mecanismo em sua prática pedagógica no cotidiano escolar.

Metodologia

A metodologia do trabalho configurou-se como uma abordagem qualitativa. De acordo com Silveira e Córdova (2009), a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Assim, a opção por essa abordagem foi efetivada após a elaboração do objetivo, sendo o caminho mais viável para alcançá-lo.

O método desenvolvido foi o estudo de caso. “O propósito de um estudo de caso é reunir informações detalhadas e sistemáticas sobre um fenômeno” (FREITAS; JABBOUR, 2011). O lócus de pesquisa foi a Escola Família Agrícola Serra da Capivara (EFASC), localizada no município de São Lourenço do Piauí, no estado do Piauí. O critério de escolha da instituição foi o caráter diferenciado desenvolvido com os estudantes, uma vez que a escola objetiva formar os filhos de agricultores da região, com a finalidade de os estudantes darem continuidade ao trabalho laboral da família.

A Escola Família Agrícola Serra da Capivara é uma instituição que oferta Ensino Médio. Atualmente tem 94 estudantes, distribuídos em quatro turmas. São nove professores, sendo seis da área pedagógica e três da área técnica; dois monitores noturnos; um coordenador de eixo; uma coordenadora pedagógica; uma secretária e uma diretora. A escola apresenta uma estrutura com duas salas de aula, uma diretoria, uma sala de professores, uma biblioteca, uma cantina com refeitório, dois dormitórios masculinos; um dormitório feminino e dormitório para os monitores noturno (com banheiro); um banheiro masculino e um feminino e dois depósitos.

A Escola Família Agrícola Serra da Capivara recebe estudantes de toda a microrregião de São Raimundo Nonato - Território Serra da Capivara (São Lourenço do Piauí, Coronel José Dias, São Raimundo Nonato, Bonfim do Piauí, Várzea Branca, Fartura do Piauí, Anísio de Abreu, Jurema, Caracol, São Brás, Dirceu Arco Verde e Dom Inocência).

A escola foi implantada no município no dia 28 de abril de 2008 e foi aceita pela comunidade, servindo como uma fonte de formação para os filhos de agricultores da região que se interessam pela profissão dos pais. O grau concedido aos estudantes que concluem o curso é de Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio. Desde sua inauguração, já se formaram dez turmas, o curso possuía duração de quatro anos, porém a grade curricular foi

reformulada, passando a ser composta de três anos. Em dezembro de 2019, será formada a primeira turma em Técnico em Zootecnia Integrado ao Ensino Médio.

A escola é uma das instituições de ensino do estado do Piauí que utiliza o método de Pedagogia da Alternância, na qual a escola tem um cronograma específico, dividindo os estudantes em dois grupos, sendo que há uma rotatividade de permanência na instituição, a depender do calendário planejado pelos profissionais. Cada grupo passa 15 dias internos na escola e os demais dias do mês, realiza atividades na sua comunidade, cumprindo as funções estabelecidas pelos docentes. Dessa forma, se compreende que a escola seria um importante campo de pesquisa, para perceber como os profissionais dessa instituição concebem a avaliação da aprendizagem.

A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas com quatro professores da Escola Família Agrícola Serra da Capivara. As entrevistas foram realizadas individualmente, de acordo com a disponibilidade dos participantes. O critério de escolha desses profissionais se deu pela disponibilidade de cada um, sendo identificados na pesquisa como A1, A2, A3 e A4.

O profissional A1 é formado em Licenciatura Plena em Educação Física, trabalha na instituição há três anos e leciona as disciplinas de Educação Física, Arte, Ensino Religioso e Filosofia; O professor A2 é formado em Licenciatura Plena em Geografia, em Direito do Trabalho e Seguridade Social, Especialista em Ciências Sociais e em Ciências Aplicada; é Mestrando em Ciências da Educação. Trabalha na instituição há 4 anos e leciona as disciplinas de Geografia, História, Sociologia e Filosofia; O profissional A3 é formado em Ciências da Natureza, especialista em Ensino de Física e graduando em Licenciatura em Física, trabalha na instituição há 5 anos e leciona as disciplinas de Física, Matemática e Informática; O professor A4 é formado em Licenciatura em Normal Superior, especialista em Psicopedagogia da Educação e graduando em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, trabalha na instituição há 4 anos e leciona as disciplinas Inglês, Espanhol e Biologia.

Os dados foram analisados por meio da análise do conteúdo, na perspectiva de Bardin (2002). A análise categoria foi importante para compreender e refletir sobre os aspectos abordados.

Resultados e Discussão

A concepção de avaliação da aprendizagem defendida nessa pesquisa é a avaliação formativa, cujo centro de sua preocupação é o processo vivenciado pelos estudantes durante as experiências realizadas nos múltiplos espaços educacionais. As características da avaliação

formativa estão pautadas na possibilidade de formação integral dos envolvidos, estando integrado nesse grupo os professores.

Na concepção de Souza (2004, p. 151):

Concebendo a avaliação da aprendizagem enquanto um processo dinâmico voltado para o diagnóstico das aprendizagens efetivadas e das falhas a serem superadas no decorrer das relações de ensino e aprendizagem, a prática pedagógica desloca a preocupação do produto para o processo, da classificação para a construção do saber, do autoritarismo docente para o pluralismo e responsabilidade compartilhada por todos aqueles envolvidos na tarefa educativa.

Por meio do paradigma apresentado pela pesquisadora, pode-se refletir que a avaliação da aprendizagem é uma dimensão do processo pedagógico que viabiliza importantes contribuições para os cenários do ensino e da aprendizagem pautadas em uma lógica dinâmica e processual. No entanto, cabe registrar a relevância que há na concepção posta nas escolas e vivenciada pelos profissionais da área no dia a dia.

Na escola em análise, por meio da visão dos quatro professores, foi possível perceber que a concepção apresentada pelos docentes está presa a um cenário em que a avaliação é tida como medida, seleção, produto final. É possível notar essa afirmação por meio dos depoimentos que seguem:

Quadro 1: Concepção de avaliação da aprendizagem dos professores

A1	São meios que os alunos treinem sua capacidade de aprendizagem
A2	É um processo de avaliar o seu trabalho através das notas dos alunos
A3	São meios adotados com o objetivo de tornar os atos de ensino mais produtivo, estabelecendo relação ensino-aprendizagem
A4	É um processo em que se avalia o desenvolvimento de acordo com o desempenho das habilidades de cada um

Pode-se refletir, a partir dos depoimentos postos no quadro 1, que a concepção de avaliação está centrada nos modelos da avaliação classificatória, a qual se caracteriza como “treinamento”, “controle”, “notas”, “produção”, “punição”, sendo os estudantes meros executores dos processos planejados pelos professores. Essa visão possibilita compreender que é necessário romper com esse pensamento, com a finalidade de vivenciar novas estruturas nas práticas pedagógicas, destacando-se a avaliação da aprendizagem.

Para Luckesi (2005), a avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição para aceitá-lo e transformá-lo. Quando se discute sobre avaliação, muitas vezes, confunde-se esse termo com apenas mensuração dos resultados, a partir da atribuição de notas para verificar a capacidade de memorização do estudante. Porém avaliar vai além da quantificação, a

avaliação tem que ser uma maneira diferenciada de como o professor deverá olhar o estudante, investigando e refletindo sobre suas habilidades e os diferentes processos educativos.

No contexto dos depoimentos apresentados pelos participantes, cabe destacar que o professor A4 sinalizou um aspecto diferente, pontuando que a avaliação da aprendizagem é um processo. Esse processo como itinerário evoca sinais de mediação, de transformação e de diálogo. De um modo geral, o professor A4, por meio de seu posicionamento, mostrou ter uma concepção de avaliação diferente dos demais participantes.

No debate sobre os instrumentos e processos avaliativos no cenário escolar, a prática recorrente que é instaurada é a utilização de provas, simulados, aspectos classificatórios (SOUZA, 2004), os quais não evidenciam a complexidade da aprendizagem e da configuração política da avaliação. Desse modo, a reflexão sobre a temática tem importância para a viabilização da compreensão do sentido amplo e profundo, fundamentado na reorganização do processo pedagógico, bem como favorecendo a superação das dificuldades encontradas na aquisição e na construção do conhecimento (SOUZA, 2004).

Os instrumentos avaliativos são formas para a construção democrática da mediação da aprendizagem, sendo necessário que sejam construídos coletivamente com o propósito de manter o diálogo e a democratização no cenário escolar. Essa prática requer dos profissionais uma postura reflexiva por meio do pensar e repensar sobre o próprio fazer, “o professor precisa – individual e coletivamente – ampliar os espaços de reflexão, de construção e reconstrução de novos conhecimentos e novas formas de ação, especialmente no concernente à avaliação da aprendizagem” (SOUZA, 2004, p.15).

Entre os participantes da pesquisa, é possível notar que há um vínculo entre a concepção de avaliação da aprendizagem e os instrumentos utilizados pelos profissionais, sendo uma visão de classificação do processo de ensino e de aprendizagem. Na visão de Luckesi (2005, p. 35), “a função classificatória subtrai da prática da avaliação aquilo que lhe é constitutivo: a obrigatoriedade da tomada de decisão quanto à ação, quando ela está avaliando uma ação”.

De acordo com os participantes:

Quadro 2: Instrumentos de avaliação utilizados pelos professores

A1	Através de provas escritas e pelo desempenho de cada aluno. Pelo empenho nas atividades em sala e extraclasse; Avaliação escrita
A2	Podemos fazer dois tipos de avaliação: uma quantitativa e outra qualitativa. A quantitativa deve ser levada mais em consideração, devido ao interesse e resposta do

	aluno. Leitura oral; Interpretação de textos escritos; Leitura de imagens; Avaliação escrita e Avaliação objetiva.
A3	Pelo desenvolvimento do avaliado nas atividades desenvolvidas na escola. Participação na abordagem dos temas; Empenho nas atividades em classe e extraclasse; Avaliação escrita sem consulta
A4	Através de diagnósticos e por meio de questões e de diálogos. Desempenho de conceitos básicos; Desenvolvimentos de atividades e habilidades de cada um

Os documentos regulatórios e mandatórios da educação brasileira, destacando-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9.394, de 20 de dezembro de 1996, apresentam que a avaliação da aprendizagem deve ser pautada em aspectos qualitativos e quantitativos, no entanto, os qualitativos devem ser sobrepor aos quantitativos. Desse modo, é possível inferir, por meio dos depoimentos apresentados, que os professores participantes da pesquisa não estão seguindo as perspectivas direcionadas na LDB/1996.

Cabe sinalizar que essa não é uma prática exclusiva dos professores participantes, mas é uma ação recorrente no cenário escolar. Na visão de Luckesi (2005), na perspectiva classificatória da avaliação da aprendizagem, “os mais aptos, permanecem na situação de mais aptos e os menos aptos, do mesmo ponto de vista, permanecem menos aptos. Ou seja, o ritual pedagógico não propicia nenhuma modificação na distribuição social das pessoas, e, assim sendo, não auxilia a transformação social” (p. 36).

A avaliação classificatória tem em suas bases o produto final, ou seja, a prova e os resultados dos testes são instrumentos que elencam valores e conceitos para um determinado conjunto de saberes. Dessa forma, “a gana conservadora da sociedade permite que se faça da avaliação um instrumento nas mãos do professor autoritário para hostilizar os alunos, exigindo-lhes condutas as mais variadas, até mesmo as plenamente irrelevante” (LUCKESI, 2005, p. 37).

Nessa lógica, percebe-se que os professores participantes, com exceção do profissional A4, apresentam em seu discurso a supervalorização da avaliação quantitativa, no entanto avaliar não consiste apenas em praticar exames e estipular notas, a fim de classificar ou não os estudantes. A prática avaliativa exige constante reflexão crítica acerca do que se realiza no espaço escolar. Avaliar não é só atribuir valores, mas também traçar estratégias que proporcionem a melhoria do ensino, bem como modificar a prática para que os envolvidos alcancem os conhecimentos e os resultados qualitativos e quantitativos esperados.

No contexto da vivência da avaliação da aprendizagem, cabe destacar os desafios enfrentados pelos profissionais da área no processo de avaliação, especialmente quando se objetiva uma avaliação diagnóstica, formativa e dinâmica. Fernandes e Freitas (2008, p. 20)

ênfatizam que “é possível concebermos uma perspectiva de avaliação cuja vivência seja marcada pela lógica da inclusão, do diálogo, da construção da autonomia, da mediação, da participação, da construção da responsabilidade como o coletivo”.

Sobre esse aspecto, os profissionais da educação mencionaram:

Quadro 3: Desafios vivenciados na avaliação da aprendizagem

A1	Traçar estratégias que possa trabalhar a capacidade de cada aluno
A2	Os desafios são: Melhorar o rendimento do aluno; Melhorar seu desempenho como professor; Melhorar as técnicas ou métodos de repasse de aulas
A3	Traçar estratégias que possa trabalhar as particularidades de cada avaliado
A4	O desempenho de cada um

As sinalizações dos profissionais apontam para a questão da individualidade dos estudantes, situação que requer um olhar particular sobre o processo de aprendizagem de cada sujeito, bem como um acompanhamento sistemático das questões trabalhadas durante determinado tempo. Como já sinalizado, a avaliação da aprendizagem é um mecanismo complexo e requer conhecimentos das múltiplas possibilidades e estratégias de desenvolvimento individual de cada partícipe.

Nessa dimensão, é importante destacar que a concepção de avaliação mediadora, tendo como ponto de partida que todos os estudantes podem aprender e são capazes de alcançar os objetivos elencados, mesmo que em tempos e situações distintas, contribuindo para a realização de práticas pedagógicas que dialogam com modelos democráticos e inclusivos.

Os aspectos destacados pelos participantes sobre os desafios da vivência da avaliação da aprendizagem são pertinentes, uma vez que o objetivo maior do processo de ensino e de aprendizagem é possibilitar avanços na construção do conhecimento dos estudantes, por meio de uma concepção formativa que valoriza as múltiplas linguagens, aprendizagens, culturas e especificidades no cenário político, social, econômico e social. Dessa forma, coerente com as proposições destacadas pelos participantes, Fernandes e Freitas (2008, p. 21) sinalizam:

Se entendermos que os estudantes aprendem de variadas formas, em tempos nem sempre tão homogêneos, a partir de diferentes vivências pessoais e experiências anteriores e, junto a isso, se entendermos que o papel da escola deva ser o de incluir, de promover crescimento, de desenvolver possibilidades para que os sujeitos realizem aprendizagem vida afora, de socializar experiências, de perpetuar e construir culturas, devemos entender a avaliação como promotora desses princípios, portanto, seu papel não deve ser o de classificar e selecionar os estudantes, mas sim o de auxiliar professores e estudantes a compreenderem de forma mais organizada seus processos de ensinar e aprender. Essa perspectiva exige uma prática avaliativa que não deve ser concebida como algo distinto do processo de aprendizagem.

Assim, pode-se refletir que as experiências formativas no contexto escolar são múltiplas e suas possibilidades devem contribuir para a existência de um processo de

aprendizagem plural e dinâmico, no qual valorize os saberes, as vivências e favoreça a construção de princípios que promovam a autonomia dos envolvidos. Nesse contexto, cabe enfatizar que a vivência dessa concepção de avaliação da aprendizagem é complexa, especialmente no cenário da escola pública que, geralmente, tem salas com muitos estudantes, dificultando o acompanhamento sistemático e individual.

A sistematização dos instrumentos e possibilidades de avaliação no contexto da escola é uma dimensão relevante para a prática avaliativa dos professores. A autonomia dos profissionais para a elaboração de estratégias no processo de avaliação da aprendizagem é uma ação que contribui para que cada professor, a partir de sua concepção formativa, possa construir com os estudantes meios de processos avaliativos. No entanto, defende-se que essa dimensão pedagógica esteja posta no projeto político-pedagógico (PPP) de cada instituição, a fim de nortear os participantes.

Entende-se que o (PPP) é a identidade da escola e, por meio dela, apresenta a concepção política, social e educacional das diferentes dimensões, incluindo a de avaliação da aprendizagem. Assim, a orientação da escola quanto às práticas avaliativas se tornam necessárias no contexto escolar. Sobre esse aspecto, os participantes da pesquisa destacaram:

Quadro 4: Orientação da escola para a avaliação da aprendizagem

A1	Sim, sempre está preocupada com o desenvolvimento do aluno, por isso busca alternativas, através de avaliações bimestrais e de atividades que desenvolva a aprendizagem significativa
A2	Sempre. Porque é um método de avaliar o seu trabalho como também serve de indicador de rendimento escolar
A3	De forma superficial
A4	Sim, através de atividades desenvolvidas por cada um

Percebe-se nos depoimentos dos professores que a escola não apresenta instrumentos avaliativos, mas períodos para serem feitas as avaliações, situação que se configura como uma avaliação pontual do processo educativo. O campo da avaliação é uma dimensão que requer práticas diárias, por meio de um acompanhamento sistemático. Desse modo, aponta-se que a avaliação da aprendizagem é um princípio norteador para a construção da autonomia da escola e dos seus profissionais, de modo que possa contribuir com a mudança de paradigma avaliativo, valorizando todas as ações vivenciadas pelos estudantes.

A avaliação da aprendizagem não pode ser designada apenas pelos resultados pontuais das provas e simulados, mas por todas as experiências dos estudantes, pelo avanço na realização de uma atividade cotidiana, pela participação de um projeto, pelo diálogo estabelecido entre professores e estudantes, pela construção coletiva de eventos nas escolas,

enfim, todas as ações vivenciadas no âmbito escolar é situação propícia para avaliação. A compreensão desse aspecto pelos diferentes profissionais da educação possibilita a concretização da avaliação formativa, vista como uma dimensão dinâmica e plural.

Fernandes e Freitas (2008, p. 22) compreendem a avaliação formativa como aquela “em que o professor está atento aos processos e às aprendizagens de seus estudantes. O professor não avalia com o propósito de dar uma nota, pois dentro de uma lógica formativa, a nota é uma decorrência do processo e não o seu fim último”. Dessa forma, pode-se acrescentar que a avaliação formativa é plural, congrega em suas características a dimensão da emancipação, da formação integral, da democratização, da mediação, da interação, do diálogo.

Conclusões

As reflexões apresentadas sobre a avaliação da aprendizagem foram relevantes para uma maior compreensão da dinâmica avaliativa no processo escolar e suas múltiplas possibilidades em um cenário no qual prevalecem as avaliações pontuais e assistemáticas. De um modo geral, pontua-se que avaliar é um processo, o qual requer transformação na prática pedagógica e interação entre os diferentes sujeitos envolvidos, pois entendendo a avaliação como processo, todas as ações são avaliadas e registradas como parâmetro de avaliação individual e acompanhamento sistemático.

No cenário da escola investigada, por meio da voz dos quatro professores que participaram da pesquisa, foi possível perceber que esses profissionais ainda têm a concepção de avaliação como uma questão pontual, classificatória e o produto final de um itinerário de aprendizagem. Há uma nítida compreensão de que os aspectos quantitativos devem se sobrepuser aos qualitativos, indo de encontro às orientações da LDB/1996. Desse modo, ressalta-se a relevância de discussões como essa nas formações inicial e continuadas de profissionais da educação.

Por fim, cabe destacar que a avaliação da aprendizagem é um processo coletivo, no qual os estudantes, os profissionais e a escola são avaliados. Assim, a cultura autoritária e de controle não pode permanecer, uma vez que todos fazem parte, congregando o resultado de um caminho cujo cenário é de uma via de mão dupla. A interação e a mediação na construção de instrumentos avaliativos possibilitam que a concepção formativa possa estar em evidência, uma vez que o coletivo estará em pauta, transformando a exclusão em inclusão e favorecendo

que todos possam refletir sobre suas práticas na construção de uma escola que interage, dialoga e reflete. Eis, portanto, o desafio!

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (1996)**. Biblioteca Digital da câmara dos deputados. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

FERNANDES, C. O.; FREITAS, L. C. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

FREITAS, W. R. S. JABBOUR, C. J. C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Estudo & debate**, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.

GONÇALVES, A. L.; LARCHERT, J. M. **Avaliação da aprendizagem: Pedagogia, módulo 4**, v. 6. Ilhéus, BA : EDITUS, 2011.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

LUCKESI, C. C. **Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas**. Salvador: Cortez, 2018.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUZA, N. A. Avaliação da aprendizagem e atuação docente. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, n. 29, p. 149-168, jan./jun, 2004.